

BANDITISMO PROCURA APOIOS NA EUROPA

— denuncia Chanjunje Chicava João, que se entregou ao Governo moçambicano

A 1.12.89

por Ernesto Zucule (texto) e Domingos Elias (foto)

Os bandidos armados, através do seu cabecilha Afonso Diakhama, estão a desenvolver uma intensa movimentação na Europa com vista a reconquistar a credibilidade que perderam após a publicação do relatório de Robert Gersony pelos Estados Unidos, em princípios de Abril último, o qual pôs a nu, aos olhos de todo o mundo, a crueldade das suas acções contra a população civil moçambicana. Para o efeito, cabecilhas do banditismo da chamada componente externa actuando no triângulo Lisboa/EUA/RFA reuniram-se em Outubro passado, neste último país, para delinear aquilo a que chamaram de estratégia «para competir com a Frelimo na frente diplomática» — denunciou ontem, em Maputo, Chanjunje Chicava João, que recentemente se entregou às autoridades moçambicanas, após alguns meses da sua nomeação em Lisboa para «chefe do departamento de mobilização e organização» do movimento dos bandidos.

Numa conferência de imprensa com jornalistas nacionais e estrangeiros, que durou cerca de uma hora, Chanjunje João denunciou ainda que na reunião dos cabecilhas dos BA's em Heidelberg, na RFA, onde gozou de apoio dos serviços secretos deste país ocidental, ficou acordado que se deveria procurar desenvolver uma acção «coesa».

Em Heidelberg, Afonso Diakhama decidiu fazer uma maior movimentação na Europa, numa tentativa para transformar-se «num líder político» para granjear mais apoio e ajuda, que Chanjunje disse reconhecer serem agora «muito reduzidos».

Disse ainda que uma das acções dos criminosos é fazer uma concentração de forças banditescas no interior do Zimbábue e em Moçambique para persuadir o Exército conjunto a desviar-se para um lado, enquanto os bandidos atacam o outro, numa tentativa de recrudescer a desestabilização no sul do País para pressionar o Governo moçambicano a assinar um «cessar-fogo».

Começando por fazer a sua própria apresentação, Chanjunje Chicava João falou de como se envolveu no banditismo armado desde 1983, da actividade desenvolvida no campo de «organização e mobilização», ate ser nomeado chefe de departamento, pouco depois da morte do Evo Fernandes, com quem trabalhou e de quem recebeu apoio logo depois da sua chegada a Lisboa.

Jovem de 24 anos disse completar 25 no próximo mes de Março de 89, falando fluentemente português, seguiu nas suas palavras e bom oradorista de alguns assuntos de politica internacional, Chanjunje João afirmou ter sido membro da Segurança moçambicana durante muitos anos, tendo deixado Moçambique para Lisboa, em 1983, como aventureiro e por uma questão, digamos, de imaturidade politica e de incapacidade, digamos, de analisar, era miúdo ainda, confessou.

Foi em Lisboa onde Chanjunje tomou conhecimento da existência da componente externa do banditismo, da qual passou a fazer parte através das ligações directas com alguns dirigentes dessa componente, particularmente com o falecido Evo Fernandes, e ainda através do trabalho de «mobilizador», embora sem nomeação oficial.

DUAS COMPONENTES EM PORTUGAL

Chanjunje disse que em Portugal, a chamada componente externa fun-

ciona em dois pólos, uma em Lisboa e outra em Cascais, sendo esta última liderada, agora, pela mulher do Evo Fernandes. Esta componente integra maioritariamente homens que viveram em Moçambique e aqui tinham seus interesses e que desde há muito não concordam com a liderança do banditismo.

A outra componente integra o mesmo tipo de homens, mas com fortes ligações com a Africa do Sul. Integrando nomes conhecidos como o Dr. Almeida Pinto que fora administrador da Maragra, no tempo colonial e um tal Felizardo, antigo administrador das fábricas do chá no Gúrúé e Ascêncio Gomes de Freitas, entre outros.

Ainda sobre as componentes externas, disse que fazem parte desta ala do banditismo, moçambicanos que vivem nos Estados Unidos da America há mais de 20 anos e que são «homens com estatuto social», sem con-

tinuar a especificar o que era isso de «estatuto social».

Neste senda, Chanjunje denunciou que o banditismo tem uma delegação no Quénia, de que é representante um tal Lisboa. Disse que, devido à perda de credibilidade, o banditismo está essencialmente a trabalhar mais com o triângulo Lisboa/Quénia/Africa do Sul, através do qual procura difundir a sua propaganda.

BANDITISMO DECOMPÕE-SE

Chanjunje Chicava João disse, contudo, que depois da morte do Evo Fernandes, em Abril último, os cabecilhas do banditismo não têm consenso, embora a reunião da Alemanha Federal, realizada provavelmente no dia 15 ou 25 de Outubro último (não precisou a data, porque se esqueceu, mas confirmou o mês), dirigida pelo próprio Afonso Diakhama, tivesse recomendado desesperadamente uma «maior coesão» no seio da componente externa.

A sua nomeação como «chefe do departamento de organização e mobilização», pouco depois da morte do Evo Fernandes, foi o reconhecimento do papel de «mobilizador» dos jovens e das comunidades de moçambicanos residentes em Lisboa (diz-se serem muitas) para as fileiras do banditismo.

Só que isso, segundo declarações de Chanjunje, decorre numa altura em que as divergências continuam a agudizar-se no seio da componente externa, obrigando a cada um dos membros a fazer reflexões sérias sobre o seu futuro e a trabalhar segundo condições específicas.

É nesta sequência de reflexões que Chanjunje se decide a entregar-se às autoridades moçambicanas e, aproveitando a Lei da Amnistia, confessa querer integrar-se na sociedade moçambicana.

Segundo recordou, são essas divergências que levam à criação de duas componentes quase distintas mesmo em Portugal.

APREENSÃO PELO ENCONTRO CHISSANO/BOTHA

O «ex-cabecilha» da componente externa do banditismo disse que a apreensão, entre os dirigentes do banditismo cresceu ainda mais quando se soube que o Presidente moçambicano se tinha encontrado com o Presidente sul-africano, afirmando que nunca se tinha pensado nisso.

Disse ainda que após esse conhecimento, o banditismo está a trabalhar no sentido de reforçar os laços com os serviços secretos sul-africanos. Será na sequência desta apreensão que os dirigentes do banditismo pretendem competir com a Frelimo na frente diplomática, porque, segundo recordou Chanjunje, eles reconhecem que Chissano ganhou a batalha diplomática através da sua movimentação neste sentido.

Com as viagens para o Ocidente, segundo decisão recente da reunião de Heidelberg, Afonso Diakhama quer procurar uma imagem diplomática coesa e tentar transformar-se num líder político para mudar a sua imagem de bandido.

Disse que a componente externa do banditismo já não goza de nenhum

apoio, e as dificuldades levam a uma desagregação contínua e permanente. Ele disse acreditar que mais cabecilhas se venham a apresentar, porque reina em muitos deles descontentamento até porque em tanto que apoiantes só ficaram simpatizantes e alguns homens de negócios com interesses em Moçambique.

ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Natural de Sofala, Chanjunje João disse ter pertencido à segurança mo-

çambicana durante muitos anos, não tendo contudo especificado quando ali ingressou. Saiu de Moçambique em 1983 e, chegado a Lisboa, procurou por Evo Fernandes e com ele trabalhou como simpatizante do banditismo. De acordo com as suas declarações, conheceu Evo Fernandes na Beira, no tempo colonial.

Disse ter-se arrependido depois de fazer uma série de reflexões sobre a sua vida, tendo-se decidido a escrever para as autoridades moçambicanas, pedindo ser perdoado à luz da Lei da Amnistia e Perdão.

É casado e disse ser pai.

Pediu aos jornalistas que gostariam de aproveitar a ocasião para ajeitar outros moçambicanos que ainda permanecem no banditismo para se entregarem «O meu caso pode servir de exemplo para outros» — disse.

O ex-cabecilha dos BA's da chamada componente externa, foi apresentado pelo Director Nacional de Informação, Arlindo Lopes.



Chanjunje Chicava João quando falava à Informação